



manzuá

EDITORIAL

Naira Ciotti

Melissa Lopes

Recomendo este novo número da revista Manzuá por ele estar recheado de artigos interessantes para quem está em ensino remoto, isolado devido à pandemia do novo Coronavírus. Os periódicos indexados pela CAPES estão agora, mais do que nunca, fazendo seu papel de divulgação da produção científica nas artes cênicas num tempo que junto com as salas de aula e teatros, fechou todas as nossas bibliotecas.

Algumas inovações do periódico estão mais presentes neste segundo número do ano pandêmico, pudemos divulgar alguns artigos nas redes sociais criadas pelos nossos artistas colaboradores e, assim, obtivemos um aumento no impacto das leituras e acesso. Conquistas de meus queridos editores convidados, em particular o excelente faro para a pesquisa de minha colega, a prof.a Dra Melissa Lopes, que criou a interessante chamada para este número que foi muito bem recebida pela comunidade. Agradeço demais sua contribuição e admiro sua sensibilidade para com um tema difícil como o isolamento social.

Graças a isso pudemos trazer para a Manzuá, novos caminhos de ampliação do impacto de seus artigos permitindo seu acesso através de redes sociais e também aplicando o novo sistema de avaliação e publicação em fluxo contínuo.

Os autores deste número consagraram seu tempo em desvendar o enigma teatral de fazer de plataformas digitais para encontros empresariais, as videoconferências, em laboratórios para simular ambientes como shows, palestras, encenações, performances e meditações. As *lives* são o lado B do período pandêmico. A arte em tempos de isolamento é o quando os artistas se dedicam a procurar, através de qualquer mídia, fomentar contatos que nos mantenham corporalmente distantes e conectados ao mesmo tempo.

O corpo quer liberdade.

Durante os três primeiros meses da pandemia cheguei a pensar que a universidade seria inviável para nós dos cursos de artes



manzuá

corporais e performáticas. pois se estamos impedidos de nos tocar e de nos apresentar diante de grandes quantidades de pessoas ao vivo, as multidões estão agora procurando forçar as fronteiras do isolamento.. Cruzamos diferentes redes de nomes e competências como na árvore de conhecimentos que tem uma frase assim: “Porque a linha da existência está sempre duplicada por uma linha do conhecimento que a recruza, a desposa e a ilumina. Porque o saber é uma dimensão do ser.” (LÉVY, 1995, p. 101).

Após o terceiro mês da pandemia todos nós tivemos que nos preparar para novas rotinas, a minha implicou em treinamentos em educação à distância, ensino remoto e usos e recursos de plataformas de periódicos acadêmicos.

Se o prédio da Universidade é inviável durante a pandemia e nós, dos cursos de artes corporais e performáticas estamos impedidos de nos tocar e de encontrar e produzir multidão, com a proliferação da leitura dos periódicos como a Manzuá abriremos caminho para a ampliação de seu impacto através das redes sociais https://www.instagram.com/p/CIRC_kRnU0N/ e também atualizamos o sistema de avaliação e publicação simultâneas, já utilizado pelos periódicos LILACS <https://lilacs.bvsalud.org/>, por exemplo.

A árvore de conhecimentos que este número da Manzuá apresenta é prova da coragem deste autores e a sutileza de suas inquietações acerca do período de isolamento em criação. A árvore de artigos nos mostra que a instauração da volta à normalidade para as Artes Cênicas se dará com a convicção coletiva de entrarmos juntos todos em processo híbridos de criação. As artes performáticas estão diante de um grande dilema, dedicar-se a manutenção e divulgação dos arquivos ou a geração de repertórios, a segunda maneira predispõe a o enfrentamento ao apagamento de corpos que ainda estão sendo resgatados neste momento.

Graças a todos os periódicos de Artes, como este, podemos ler-nos uns aos outros e colaborarmos com a discussão de nosso teatro e dança e performance e artes visuais e tecnologias e cuidar para que a vida insista, nova e normal.

Nesta edição, composta por dezesseis textos, a revista Manzuá reflete a diversidade da produção de conhecimento nas Artes Cênicas e registra quatorze diferentes abordagens sobre o amplo tema do corpo em tempos de isolamento.



manzuá

O ensaio visual “The bird is in he cage and I have swallowed the word ou essa hora que há de chegar a qualquer hora”, a pesquisadora e artista visual, Regina Johas traz reflexões imagéticas sobre tempos pandêmicos.

O texto “Artivismo respiratório: Uma proposta de educação remota no país irrespirável”, os autores Bárbara Kanashiro Mariano, Diego Alves Marques e Denise Pereira Raquel compartilham a experiência em educação remota realizada pelo Coletivo Parabelo com o CIEJA Ermelino Matarazzo com base em vídeo aulas de performance. Para além da leitura desse texto, os autores nos convidam a compreender sob o olhar do filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe que diz que, grande parte da humanidade já estava ameaçada de asfixia, mesmo antes da existência da COVID-19.

Neste processo de reflexão sobre a atividade teatral imersa neste contexto de pandemia, os autores Raphael Oliveira e Fernanda Mélo propõe em seu texto “Corpo, Teatro e Isolamento – Relatos de um ator em uma experiência cênico- digital”, algumas reflexões a partir do processo de criação de “Enquanto a festa não chega” ancoradas nas questões: Como um corpo mantém sua existência dentro de um espaço em isolamento? Quais as forças motivadoras para criar dentro do isolamento? Como as vivências pessoais contribuem com/para a criação da experiência cênico-digital?

O texto “Corpos em conexão, corpos em presença”, das autoras Jussara Miller e Cora Miller Lazlo problematiza os estudos de presença e estado de atenção em ações artísticas e pedagógicas na área da Dança, que em tempos de isolamento digital estão sendo mediadas por tecnologias digitais. Com base na metodologia fundamentada na Técnica Klauss Vianna de dança e educação somática, as autoras lançam-se ao desafio de repensar com urgência o *corpo em relação* e o *movimento na pausa*. Experiências estas que apresentam possibilidades para enfrentarmos esse momento de segregação que nos têm sido imposto pelo isolamento social.

Neste processo cênico de convocação da ação, a autora Patrícia Leonardelli partilha a experiência do projeto artístico e pedagógico “Memória Pandêmica - dramaturgias da memória e do caos”. O texto apresenta aspectos interessantes acerca da pesquisa teatral na área de atuação relacionadas a substituição do ensino presencial



manzuá

pelo ensino remoto. Para tanto, a autora propõe a investigação da memória em situação de criação performativa desde as formas dramáticas até os processos autobiográficos e autoficcionais, com base na experiência das (dos) artistas que participaram do projeto.

Ainda sob essa perspectiva de provocação cênica, no texto “Circusncrevendo as pequenas performances para isolados”, de Thaíse Nardim, a autora apresenta a ação “Pequenas Performances Para Isolados – arte do bem para mundos possíveis”, projeto que mescla arte, educação e pesquisa a partir da aprendizagem mediada por tecnologias. Um dos principais objetivos da proposta é despertar um novo olhar para nossa própria casa, de modo a estabelecer nesse período de confinamento, outras formas de diálogo e novas percepções com esse local.

“Point dos Importados: Estudo sobre criação em tempos de pandemia”, texto de Victor Hugo de Sousa e Victor Hugo Neves de Oliveira articula a produção de uma obra videográfica criada em tempos de pandemia a partir da interface arte e antropologia. Ao longo do relato do processo de criação do vídeo, os autores refletem sobre o papel da arte em tempos de crise.

O texto “Corpos em Confinamento: uma reflexão sobre a condição corporal do indivíduo em função do isolamento social”, dos autores Alexandra Lara Reis Guimarães e Adilson Roberto Siqueira traz uma reflexão sobre a relação entre corpo, espaço e confinamento a partir da relação do corpo que transita pelo espaço urbano, sem poder se relacionar diretamente com outros corpos e objetos nesse contexto pandêmico para se proteger do contágio. Para essa discussão, os autores refletem sobre essa nova condição social utilizando como contraponto a técnica Contato Improvisação.

A filósofa e pesquisadora portuguesa Ana Godinho em “A terra sutil” propõe em seu texto uma discussão ampla a respeito do que tem acontecido com nossos corpos, afetos e com nossa potência de vida durante a pandemia. A autora, à luz das palavras de Deleuze, defende que precisamos ter razões para acreditar nesse mundo e nos convoca a pensar/agir no tempo presente.

Em “Conselho de Classe: Agrupamentos para sobreviver ao remoto”, os autores Adriana Patrícia dos Santos, Barbara Bísaro, Filipe Brancalião, Henrique Bezerra, Iassanã Martins e Ziká Muniz trazem o exercício de reflexão a respeito das experiências vividas,



manzuá

desafios e aprendizados, no ensino remoto a partir do ponto de vista de um pequeno núcleo de professoras colaboradoras do curso de Licenciatura em Teatro da UDESC em meio à pandemia.

Elisa Rossin em seu texto “Retratos da Alma: biografias plásticas impressas em uma máscara retrato” apresenta uma discussão sobre o devir invisível do rosto e do retrato e suas relações com o campo expandido da máscara a partir de experiências compartilhadas com outras artistas (palhaças) durante o período de isolamento social.

A revista traz ainda dois vídeos inéditos que discutem o tema do corpo em isolamento, “Confinamento”, de Nicolle Carvalho Pinto Vieira e “Só os sonhos não tem o contágio: paisagens cartográficas do imaginário”, do Núcleo Fuga, dos autores Flávio Rabelo, Dora de Andrade, Bruna Reis, Gabriela Gianetti e Roberto Rezende. Este último apresenta caminhos, princípios e procedimentos do Projeto cAsa durante a IV Residência Artística do Projeto cAsa (virtual), realizada de forma remota durante o mês de julho de 2020 com os artistas René Guerra e Renata Voss.

A sessão Travessias em Pesquisa traz o texto “Experiência Cênica e Cultura Digital: possibilidades teatrais em meios virtuais”, de Hannah Lopes, em que a autora apresenta reflexões a respeito das possibilidades de criação e produção teatral (experimento cênico-digital) mediadas pela tecnologia, a partir de experiências que surgiram nesse momento de pandemia.

E, por fim, para encerrar esta edição da Revista Manzuá, a sessão Relatos traz os artigos “Ordem ou Progresso: Relações entre Drama e Teatro do Oprimido no Ensino Médio”, de Maria Jade Pohl Sanches, Marcia Berselli e Victória Blini Strasser e “O lugar de fala na formação do estudante/integrante dos grupos teatrais enquanto projetos de extensão do Departamento de Artes da UFRN, de Marcílio de Souza Vieira e Ocenil da Silva Martins. Ambos os textos refletem sobre experiências realizadas com alunos de cursos de Licenciatura em Teatro e seus desdobramentos em projetos de ensino, pesquisa e extensão.